# **A CRISE GERADA PELA PANDEMIA**

**O que estamos procurando? (Jo 1,38)**

Pe. Rogério L. Zanini

O atual contexto da pandemia fez transparecer muitas reflexões, especialmente do ponto de vista social e, também, no âmbito religioso. Do ponto de vista social, os discursos sociais em diversos setores e por diferentes atores demonstraram os conflitos em relação aos problemas gerados pela pandemia do coronavírus e suas consequências. Qual a raiz desse problema, ou seja, pela pandemia da covid-19? Quem são os maiores sofredores e sofrem maior impacto das consequências do coronavírus? Como os discursos teológicos colaboram positivamente ou negativamente na superação dos males sociais?

No fundo trata-se de refletir sobre os processos sociais e políticos que a humanidade está vivendo. Como nos lembra o Papa Francisco: “não são apenas indivíduos que estão em provação, mas povos inteiros. Pensemos nos governos que têm de tomar decisões no meio da pandemia. O que é mais importante: cuidar das pessoas ou fazer com que a economia não pare? Cuidamos das pessoas ou as sacrificamos no altar da bolsa de valores?” (PAPA FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. p. 8-9). É dele também a convicção que se “queremos sair desta crise menos egoístas do que quando entramos, precisamos nos deixar tocar pela dor dos outros. Onde está o perigo, cresce também o que nos salva” (p. 12).

Infelizmente, esta profecia de Francisco parece não ganhar densidade na consciência, ao menos no Brasil, por parte de muitas autoridades que insistem em desconsiderar a gravidade da pandemia. E não com meias palavras, o atual presidente do Brasil se referiu à pandemia com expressões que revelam falta de equilíbrio e evidenciam profunda irresponsabilidade.

“gripezinha”, “histeria”, “não sou coveiro”, “e daí?”, “todo mundo morre um dia”, “vamos parar de divulgar números”, “invadam hospitais e filmem leitos vazios”, “hidroxicloroquina salva”, “vamos tocar a vida”, “bundão tem mais chance de morrer”, “ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”, “Conversinha mole de ficar em casa é para os fracos”, “a vacinação contra o novo coronavírus não será obrigatória”, vacina chinesa não transmite segurança “pela sua origem”, “pergunta pro Vírus”, “vacinação obrigatória é antirrábica”, “para que essa ansiedade, angústia?”, “não dou bola para isso”, “mergulhei de máscara também, para não pegar Covid nos peixinhos”, “Lamento as 200 mil mortes, mas a vida continua”.

Estas colocações, pronunciadas ao longo do período pandêmico pelo Presidente do Brasil, provocam repúdio e deixam o País sem credibilidade aos olhos do mundo. Se uma pessoa próxima de nós pronunciasse estas frases, talvez levássemos a um especialista da área de saúde por suspeita de algum grave distúrbios. Qual o problema neste caso? A quem servem estas posturas totalmente inconsequentes e não condizentes com a missão que se espera de um Presidente de uma Nação?

Tais discursos demonstram a falta de responsabilidade e a mínima sensibilidade com as dores das pessoas, e a falsa ideia de que, independentemente de nossas funções, os problemas são dos outros. Este é caminho que vem sendo reforçado com estes discursos levianos e cheios de ironia. O resultado é que cada vez mais crescem os sinais de desleixo seja pela vida do outro, bem como a irresponsabilidade com os bens comuns como a terra, a água e a casa comum. A cultura da indiferença avança e o ser humano já não assume a responsabilidade pelo cuidado da vida na sua integralidade.

## **O religioso e a pandemia**

Como se manifestam os discursos religiosos no tempo da pandemia? A dimensão religiosa tem influído de forma bastante destacada no caso brasileiro. Entre os fatores de incidência do elemento religioso está o fato do Presidente assumir-se como cristão e em muitas ocasiões se utiliza desta referência para argumentar ou propor questões religiosas. Esta explicitação vem se somar ao alto censo religioso presente no povo brasileiro. As crenças são cultivadas e exercem forte influência na vida das pessoas. O censo do IBGE tem demostrado que aproximadamente 90% das pessoas se assumem cristãs no Brasil.

Este alto índice faz com que a dimensão religiosa seja muito valorizada e cresce a suspeita de que o atual governo se utiliza desta perspectiva para ganhar adeptos. O fato de constar em seu nome a expressão “messias”, acaba facilitando ainda mais a vinculação religiosa em relação a Jesus, como Messias e Salvador. Trata-se de uma aberração, mas infelizmente acaba sendo um facilitador para convencer religiosamente que ele é o messias e veio para salvar o Brasil. Para refutar tais argumentos basta apenas um versículo bíblico, ajustados à proposta messiânica trazida por Jesus de Nazaré se esvaem como fumaça e bastaria uma singela comparação para desfazer esta falsa imagem do messias assumido pelo Bolsonaro. Jesus nunca buscou os poderes instituídos, lutou para não ser chamado de Messias, trabalhou com a perspectiva de incluir sempre os da margem, para que todos tivessem vida em abundância (Jo 10,10). Neste sentido, Bolsonaro é modelo de messias rejeitado pelo próprio Jesus. Parafraseando, o próprio Jesus diria hoje: “o meu reino não é deste messias”, quero vida, saúde, respiradores, enfim, misericórdia e não sacrifícios (Mt 9,13).

Avançando nesta cizânia que o presidente vem disseminando, nem Deus escapa de ser responsável pela pandemia e seus males. Porque nesta lógica, se Deus é poderoso, ele tem poder de curar, eliminar os males.  Ou, então, se não têm poderes se torna também cúmplice da covid-19. Esta questão revela e ao mesmo tempo esconde uma máscara terrível colocada no rosto de Deus. Máscara que em vez de preservar a autêntica revelação de Deus como amor, misericórdia, justiça, opção pelos pobres... (Mt 5,1s), utiliza-se dela para distorcer e culpabilizar Deus como responsável pela pandemia e por outros males que assolam a humanidade.

Esta realidade e mais ainda a culpabilização de Deus seja no aspecto social, como no religioso, obriga a um processo de discernimento. Na dimensão religiosa é fácil perceber à luz da prática de Jesus sua preocupação com a vida de todas as pessoas. Como se destacou acima, o evangelista São João resume a vontade de Deus como vida em abundância para todos/as pessoas. Uma vez que esta é a vontade de Deus começam a cair por terra muitos discursos e práticas que imprimem sofrimento e até mesmo a morte às pessoas. Aliás, o próprio Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade, traz a marca de ser o oxigênio de Deus na história. Ar símbolo da respiração e expressão do sopro divino presente em toda a Criação. Este aspecto faz perceber que no momento em que a humanidade sofre a falta de respiradores para enfrentar as consequências da Covid-19, o Espírito de Deus é sinal da vida, do oxigênio... O Espírito é que dá vida e a negligência e a omissão das autoridades que as levou a deixar faltar um dos itens fundamentais para a manutenção da vida é, portanto, pecado contra o Espírito Santo.

Da mesma forma, o Papa Francisco chamou atenção desde o início que esta pandemia denuncia uma sociedade injusta construída sobre falsas seguranças.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de ‘empacotar’ e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiar com hábitos aparentemente ‘salvadores’, incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades. Com a tempestade, caiu a maquilhagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso ‘eu’ sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos (*VIDA APÓS A PANDEMIA*, p. 21).

Como uma tempestade o vírus desnudou o núcleo social e fez perceber às claras a realidade sem estereótipos. A partir da metáfora da máscara se pode afirmar que o mundo estava com uma *máscara* (tal como um véu) que impedia perceber e ver a verdade dos fatos. Bastou um vírus *invisível* para tornar *visível* uma realidade cruel construída sob o sangue dos inocentes. O escondido, o soterrado, o *empacotado* na expressão de Francisco, se torna manifesto de acordo com a lógica do Evangelho. “Pois não existe nada escondido que não venha a ser revelado, ou oculto que não venha a ser conhecido” (Lc 12,2).

O confronto entre a máscara em defesa da vida e a máscara dos poderes absolutos da economia, estes apareceram explicitamente. A pergunta até então óbvia sobre o valor da vida se mostrou complexa e a resposta minada pelas contradições. No grito de que toda a vida *conta, importa* sobreveio o apelo do espírito do ressuscitado no seio de uma sociedade desumanizada. Segundo o Papa Francisco, voltar a escutar o grito de Deus é sinal profético.

Quem dera que se ouvisse o grito de Deus, perguntando a todos nós: ‘Onde está o teu irmão?’ (Gn4,9). Onde está o teu irmão escravo? Onde está o irmão que estás matando cada dia na pequena fábrica clandestina, na rede da prostituição, nas crianças usadas para a mendicidade, naquele que tem de trabalhar às escondidas porque não foi regularizado? Não nos façamos de distraídos! Há muita cumplicidade (EG 211).

Há sim, muita cumplicidade, e torna-se difícil discernir ou excluir quem não é também responsável pela disseminação do vírus. Por exemplo, se o vírus não faz distinção de classe e raças e se estamos todos no mesmo barco, os remos se mostram muito diversos. Quer dizer: os efeitos são totalmente desiguais e as injustiças nestas horas aparecem sem máscaras, ou seja, nuas e cruas nas periferias das grandes cidades. Os descasos manifestados no início da crise pandêmica, pela falta de água e sabão para lavar as mãos, agora pela falta de oxigênio, revelam o desprezo pela vida no Brasil.

Como lembrávamos acima, esta não é a vontade de Deus que através de Jesus, feito homem veio para testemunhar aos humanos o valor irrenunciável da vida. A crucificação foi o atestado de ontem e a possibilidade de sempre na história, de os humanos rejeitarem o plano salvífico de Deus. No Evangelho de São João, temos o encontro dos primeiros discípulos com Jesus (Jo 1,35-42). O Texto faz parte da semana inaugural no Evangelho de João e apresenta um modelo de chamado e de seguimento de Jesus.O chamado nasce do testemunho de João Batista, a partir do qual formou-se uma corrente. João Batista reconhece o Cristo que *passa* e o aponta a dois discípulos, André e Filipe, de que Jesus é o *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*(Jo 1,36). Em seguida, os dois se encontram com Jesus e no diálogo são convidados a permanecer com Ele para descobrir através da prática o significado do *vinde e vede.*

## **O que estão procurando? (Jo 1,38)**

Esta foi a pergunta de Jesus aos discípulos interessados em conhecê-lo e segui-lo. Jesus, propondo esta questão deixa claro desde o início que para permanecer com Ele é preciso ter consciência do que se está procurando. Procurar status, riquezas, os primeiros lugares? Procurar um sentido autêntico de vida? Buscar vida em plenitude, estar disposto a perder a vida no seguimento a Jesus? Em outra ocasião, diante das exigências do Evangelho e o medo dos discípulos de terem de enfrentar as perseguições e o martírio, Jesus afirma enfaticamente: “Vós também desejais ir embora”? (Jo 6,67).

 A perspectiva dos discípulos será revelado mais adiante, pelo próprio evangelista São João. Na perspectiva deles estava presente o desejo de poder, do status e das glórias. Tinham em vista mais o desejo de assegurar lugares à direita ou à esquerda do que se colocar à serviço dos humilhados e excluídos. Sabiamente, o evangelista resolve as dúvidas colocando em destaque o texto do lava-pés. Desta forma, deixa claro que o caminho de seguimento exige estar disposto a servir em primeiro lugar os últimos da história (cf. Jo 13,1s), condição e exigência para entrar na dinâmica do Reino de Deus.

Ora, do ponto de vista religioso ao menos fica claro a direção do cuidado com os fracos e excluídos que os cristãos precisam assumir. Se as autoridades, arrogados na liberdade perante constituição de um País, se assumem cristãos, consequentemente estão também sob o juízo das palavras de Jesus. E aos não cristãos, bastaria seguir as leis constitucionais que, da mesma forma, destacam a dignidade e a vida humana como valores fundantes, e colocados acima de todas os demais, inclusive da propriedade privada e da economia.

O contexto social e religioso marcado pela crise do coronavírus tira as máscaras do fanatismo e das ideologias políticas e econômicas e coloca todos diante da questão fundamental: o que estamos buscando como cristãos e pertencentes a esta coletiva humanidade? Sendo seguidores de Jesus ou seguidores de outros caminhos, ou de outras crenças, o critério é o mesmo: de todos os seres humanos depende o cuidado e compromisso com a vida e a dignidade, pois todas as vidas importam e devem ser cuidadas e preservadas!

Poderíamos acrescentar ainda outro aspecto importante, seja para os governantes, seja para os cristãos, no que se refere a atitude de João Batista. Ele orienta às pessoas para olhar e seguir a Jesus, ou seja, ter os olhos fixos em Jesus, aprender de suas práticas. Dinâmica que constituí a espiritualidade cristã e faz toda a diferença na maneira de trabalhar na obra de Deus. Por isso, João Batista como arauto do *cordeiro de Deus* se torna paradigma de todos os batizados, no sentido de reconhecer que não somos donos da missão, mas que a missão é de Deus e nós servidores e fazedores do seu reinado.

Jesus *passa* e *convida* a todos para conhecer sua morada que se dá no chão da história, sem endereço fixo e sem possiblidade de, ao colocar a mão no arado, olhar para trás. É uma decisão que exige discernimento e planejamento para saber o que estamos procurando. No início da trilha aberta por João Batista há uma alerta: Seguir Jesus é uma decisão de percorrer um caminho de cruzes e glórias sem volta, de uma radical escolha de estar ao lado dos marginalizados, excluídos, pobres e sofredores pelas estruturas da sociedade. Seguimos no rasto do Mestre, aprendendo sempre a escutar suas palavras, olhar em seu horizonte e trabalhar insanavelmente pelos valores do Reino de Deus.

## **Conclusão**

Sem maiores desenvolvimentos se buscou localizar a crise provocada pela pandemia do coronavírus, de modo especial, considerando as negligências na pessoa do presidente Jair Bolsonaro e suas consequências que provocaram a morte de mais de 200 mil vítimas. Sua irresponsabilidade não tem como não causar repúdios e panelaços pedindo sua saída imediata. Aliado a esta falta de comando responsável com o povo brasileiro, se tematizou rapidamente a relação da pandemia com sua versão e visão religiosa, também considerando a ênfase, neste aspecto, imprimida por este mesmo Presidente. Infelizmente, a forma como atua e coloca a perspectiva cristã, além de provocar calafrios aos cristãos, produz e alimenta certo descrédito da importância da fé para construir um mundo mais justo e fraterno.

Os leitores deste texto podem estar se perguntando: E agora, o que eu devo fazer como cristão, assim como perguntavam os que eram batizados por João Batista (Mt 3,1s). A estes o Batista indicava uma missão diferente, conforme sua função. Em nosso caso, seguindo a perspectiva esperançosa de Francisco podemos pensar em duas direções: *descentrar e transcender*. Uma crise nos obriga a nos movimentar, mas é possível andar sem rumo, ou seja, um caminhar em vão. Muitos, em tempos de crise, buscarão trilhar outros caminhos e seguir outra ordem das coisas, mas ao passar a pandemia voltarão na mesma rota. Estes, na expressão de Francisco, são turistas que passam e retornam sem deixar-se transformar pela realidade. O que propõe como caminho transformador é assumir a perspectiva do peregrino. Alguém que se descentra e transcende. Quer dizer: sair de si e alcançar horizontes novos para nunca mais voltar a ser igual. Portanto, a pandemia deve nos fazer peregrinos e não turistas.